

Economia - Brasil

FÓRUM ECONÔMICO

Demósthene traça cenário otimista para o País

VLADIMIR GOITIA

Enviado especial

BUENOS AIRES – O diretor de Relações Internacionais do Banco Central, Demósthene Madureira de Pinho Neto, afirmou que, apesar de a crise asiática estar longe do fim, os cenários para o Brasil nos próximos anos não são pessimistas. “Claro que os investidores estão mais cautelosos, mas, em relação ao Brasil, os núme-

ros mostram o contrário”, disse.

Segundo ele, os investimentos diretos no País nos últimos 12 meses, período que pega toda a crise asiática, somam US\$ 19 bilhões, e isso sem que as privatizações previstas para este ano tenham sido concluídas. “As privatizações vão terminar nos próximos três anos, prazo suficiente para consolidar as reformas necessárias e o plano de estabilização”, disse o diretor, que participou do debate “Perspectivas para as

Economias do Mercosul”, uma das sessões mais concorridas no Mercosur Economic Summit, organizado pelo World Economic Forum.

Demósthene afirmou aos empresários – a maioria europeus – que o Brasil não está nada longe de equilibrar suas contas fiscais. Disse ainda que em outubro passado não houve ataque especulativo contra o real, embora tenha parecido isso. O que houve “foi uma queda nas reservas internacionais por causa do

excesso de alavancagem dos brades brasileiros assim que a crise asiática recrudescu”. Ele reconheceu que a situação, no momento, é muito diferente daquela de 1996 e 1997, quando o fluxo de capitais foi elevadíssimo, mas isso não significa que este ano haverá uma queda significativa para a região.

O economista argentino Miguel Angel Broda, moderador do debate sobre as perspectivas para o Mercosul, não é tão otimista quanto De-

mósthene. Para ele, o contexto internacional ainda é de muito risco, em razão também da desaceleração econômica nos Estados Unidos. “Vai haver uma nova saída abrupta de capitais de algum lugar nos próximos dos anos”, afirmou.

O diretor do BC acredita, porém, que o Brasil está longe de ser vulnerável aos efeitos externos. Segundo ele, nada ocorreu para o Brasil nos últimos dois meses, apesar dos efeitos negativos provocados pela des-

valorização do iene e a crise russa.

Como Broda, o vice-presidente-sênior da Lehman Brothers Holdings (EUA), Jose Maria Barrionuevo, acredita também que a destruição do comércio na Ásia faz pensar num segundo round dos efeitos negativos provocados pela crise daquela região. Demósthene concorda que há serios problemas internacionais ainda por resolver, como a do Japão e da Rússia, mas nada que venha a afetar o Brasil. (AE)